

“O Desenvolvimento do ‘Turismo Étnico’ na Bahia: o Caso da Cidade de Cachoeira”¹

Xavier Vatin²

Resumo: O conceito de “turismo étnico” tem se desenvolvido de forma significativa nas últimas décadas. A Bahia, que representa há muito tempo a imagem idealizada de uma África mítica transposta nas Américas, através de relatos de viajantes, dos trabalhos clássicos da antropologia afro-brasileira e, recentemente, dos esforços redobrados de órgãos governamentais federais e estaduais de “Cultura e Turismo”, chamou rapidamente a atenção de um público específico: os “africano-americanos”. Nessa perspectiva, a cidade de Cachoeira, às vezes vista como a “Meca do candomblé”, recebe a cada ano um número crescente de turistas negros estadunidenses, em busca de “raízes perdidas”, herança africana e ancestralidade. A Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, deste ponto de vista, marca o momento central do calendário turístico, litúrgico, festivo e antropológico da cidade. É nesta perspectiva múltipla que tentaremos analisar os mecanismos identitários e étnicos em ação nesse novo cenário/mercado “etno-turístico”.

Palavras-chave: turismo étnico; transnacionalização das religiões afro-brasileiras; diáspora africana nas Américas.



1. “Condoleezza Rice apoya el turismo étnico en Brasil”³
Gil & Rice: Kaya na Gandaya!

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Etnomusicólogo, Professor de Antropologia e Diretor do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

³ “La Secretaria de Estado Norteamericano se reunió la semana pasada con el Gobernador del Estado de San Salvador de Bahía, Jaques Wagner, para encontrar un estímulo al turismo étnico. Desde el año pasado las autoridades del sector están trabajando en un plan para atraer turistas norteamericanos, afrodescendientes, a la ciudad. (...) En su primera visita a la capital bahiana, Rice disfrutó de la cultura brasileña, se deleitó con la comida de mar y las caipirinhas, y hasta tuvo tiempo para disfrutar de la samba” *Adnmundo.com*, 16/03/08. Site consultado em 26/04/08. http://www.adnmundo.com/contenidos/turismo/condoleezza_rice_visita_salvador_bahia_promocion_turismo_etnico_tu_160308.html

Meu interesse antropológico pelas relações entre o turismo internacional e meu objeto de estudo – as religiões afro-baianas – começou em 1992, durante uma cerimônia no Terreiro Pilão de Prata, em Salvador. Apoiado na janela do barracão com material de gravação sonora para registrar o ritual, chegou ao meu lado um grupo de turistas norte-americanos brancos. Um deles olhou para mim e perguntou: “How much is the show?”. Desde este dia e ao longo dos anos que seguiram, surgiram diversas interrogações na cabeça do “baiano por opção” que me tornei: Qual a visãoêmica dos turistas estrangeiros sobre o candomblé? Qual o impacto potencial do desenvolvimento do turismo internacional sobre as comunidades religiosas afro-baianas numa Bahia que utiliza o candomblé como cartão postal? O que será aquele tão falado “candomblé para turistas”, do qual se queixam religiosos ortodoxos e turistas em busca de “autenticidade” e “pureza africana”? Qual a expectativa dos turistas afro-americanos ao chegar na “Roma Negra” (Salvador) e na Bahia de forma geral? Como é que, na cidade de Cachoeira, os adeptos das religiões de matriz africana e as irmãs da Boa Morte encaram a expansão rápida do turismo étnico afro-americano? Tentarei apontar nesta comunicação alguns elementos de reflexão sobre o desenvolvimento recente do “turismo étnico” na Bahia, com uma ênfase no caso específico de Cachoeira.

1. O desenvolvimento do turismo étnico: diáspora africana e “africano-americanos”

O conceito de “turismo étnico”, ou “turismo de raízes” (*roots tourism*) na terminologia anglo-saxônica, tem se desenvolvido de forma significativa nas últimas décadas. Será abordada aqui uma modalidade específica deste turismo, praticada pelos “africano-americanos”, ou negros estadunidenses, na sua busca de raízes perdidas na África e nas *Américas Negras* – para usar o termo usado por Roger Bastide (1967) – ou, para retomar uma terminologia mais recentemente empregada por Stuart Hall (2003), na *diáspora africana* nas Américas.

A supremacia das perspectivas eurocêntricas e “estadunidocêntricas” nas ciências sociais tem fortalecido a idéia de que há um modelo exclusivo de “modernidade”, vivido primeiramente nos centros econômicos mundiais e, em seguida, adotado nas “periferias”. Esta mesma lógica pode ser encontrada nos estudos sobre negritude no Brasil, que caracterizam muitas vezes a experiência negra estadunidense como a mais “moderna” da diáspora africana. Seria preciso uma densa reflexão teórica para superar a centralidade dos Estados Unidos nos estudos sobre “negritude”, recuperando a noção de diáspora africana como complexo multicentralizado. Para tanto, podemos apontar a posição da Bahia como centro importante para a formação do mundo moderno, bem como para a construção de identidades negras contemporâneas. O desenvolvimento rápido do “turismo de raízes” afro-americano no Brasil vem justamente questionar o papel aparentemente coadjuvante do Brasil na diáspora africana, em um contexto dominado pela hegemonia dos conceitos “US-cêntricos” de negritude. Ao mesmo tempo, o “turismo de raízes” aponta para três tipos de desigualdades: a disparidade entre aqueles que têm acesso à viagem e os que não têm; a crença de muitos turistas afro-americanos de que podem trocar o que eles considerem como a sua “modernidade” pelas “tradições” das comunidades negras locais com as quais interagem durante as suas viagens; o acesso muito maior dos “africano-americanos” – de *African-American*, termo mais

politicamente correto atualmente vigente nos Estados Unidos, equivalente de *negro* ou *afrodescendente* no Brasil – aos meios pelos quais a África e a diáspora podem ser representadas. Os negros localizados no Norte e no Sul do continente americano têm um acesso muito desigual a fontes de poder globalizadas. Desta forma, mesmo oferecendo aparentemente a possibilidade de desafiar os fluxos tradicionais de intercâmbio cultural Norte-Sul, o turismo étnico afro-americano confirma a hierarquia em vigor dentro do Atlântico Negro. Idealizando uma África mítica, fonte única da civilização, o afrocentrismo estadunidense, com certo maniqueísmo, contrapõe uma visão unilateral ao tradicional eurocentrismo tão justamente combatido. No entanto, nos dois casos, a África é reduzida a uma imagem única e estereotipada. Paul Gilroy afirma, sobre a visão afrocêntrica nos movimentos negros:

“As formações autoritárias e proto-fascistas da cultura política negra do século XX têm sido constantemente estimuladas por um desejo intenso de recuperar as glórias perdidas do passado africano. O desejo de restaurar esta grandeza longínqua nem sempre tem coincidido com um entusiasmo equivalente em remediar a situação difícil da África no presente” (Gilroy, 2000: 323).

Há de constatar então que o turismo étnico desembarca na Bahia num contexto de relações desiguais de poder e de trocas possíveis, opondo *a priori* tradições africanas e africanismos baianos à modernidade negra estadunidense. Ao chegar à Bahia, os turistas afro-americanos esperam fazer uma viagem ao passado, aos tempos remotos da ancestralidade. A atemporalidade dos mitos e o tempo místico dos ritos extraem, por um momento, esses turistas de seu caminho rumo ao futuro e à “modernidade”. Tal encontro parece responder à busca de uma forma peculiar de exotismo, auto-referenciada, introspectiva.

2. A busca da África na Bahia: viajantes, antropólogos... e turistas

A Bahia representa há muito tempo a imagem idealizada de uma África mítica transposta nas Américas, através dos relatos de viajantes, dos trabalhos clássicos da antropologia afro-brasileira e, recentemente, dos esforços redobrados de órgãos governamentais federais e estaduais de “Cultura e Turismo”, no intuito de chamar a atenção de um público específico: os “africano-americanos”. Patrícia Pinho explica as origens históricas deste fenômeno recente:

“A majoritária população negra da Bahia contribuiu para que viajantes e exploradores que visitaram a cidade durante os séculos XVIII e XIX a descrevessem como uma cidade negra, apelidando-a de “nova Guiné” e “Negrolândia” (Verger, 1999). Mais tarde, a Bahia recebeu ainda os títulos de “Roma Negra” e “Meca da Negritude”, designações que apontam para sua condição central na rede de circulação de povos e símbolos negros. “Roma Negra” e “Meca da Negritude” são termos que enfatizam claramente o caráter da Bahia como uma cidade-mundial, primeiro porque destaca sua centralidade no Atlântico

Negro – que (...) é um sistema que permite a existência de muitos centros em sua configuração diaspórica – e, em segundo lugar, porque caracteriza a Bahia como um ponto de convergência, contato e peregrinação” (Pinho, 2004: 43).

As ramificações históricas, inauguradas com a chegada dos primeiros escravos africanos na Bahia em meadas do século XVI, os relatos de viajantes e exploradores acima mencionados, junto aos conceitos de *africanismos* e *africanidade* desenvolvidos pela antropologia clássica afro-brasileira, de Nina Rodrigues a Roger Bastide, ao longo do século XX, vão convergir para fazer da Bahia, desde a década de 1970, um atrativo de destaque para o recém nascido turismo étnico afro-americano:

“É precisamente o que parece ter sido preservado da África na Bahia que tem atraído um número cada vez maior de turistas negros dos Estados Unidos. Desde a década de 1970, os afro-americanos têm viajado à Bahia para encontrar “africanidade”. O que começou como uma viagem informal de um grupo de amigos se transformou ao longo das últimas décadas em um mercado estruturado e organizado que inclui agências de turismo do Brasil e dos EUA. Eu chamo este fenômeno de “turismo de raízes” porque é desenvolvido por pessoas que viajam para encontrar suas “raízes africanas”, estejam estas localizadas no continente africano ou em países da diáspora com significativas populações negras. Os turistas de raízes afro-americanos buscam conhecer culturas negras diaspóricas e estabelecer uma conexão com povos afrodescendentes de outras partes da diáspora. (...) Salvador e as cidades do Recôncavo, reconhecidas por sua forte herança negra, têm sido locais de visita cada vez mais frequente por parte de militantes negros de outros estados do Brasil e de turistas afro-americanos em suas viagens de “retorno às raízes”. Muitos negros norte-americanos visitam a Bahia a fim de conhecer de perto o que eles afirmam ser suas “tradições perdidas”. (...). Esses turistas negros vêm à Bahia com a intenção de reencontrar suas “raízes africanas”, que não estariam apenas na África, mas em todos os lugares da diáspora onde a África tem sido recriada” (Pinho, 2004: 47-48).

A mesma autora conta o seu primeiro contato com turistas afro-americanos na Bahia:

“A primeira vez em que me deparei com um destes grupos [turistas afro-americanos], acreditei que se tratassem de turistas africanos, já que estavam todos vestidos com longas batas coloridas, além de ostentarem penteados chamativos ou de cobrirem a cabeça com grandes turbantes. Só depois das primeiras conversas com aqueles “africanos”, foi que descobri que eram, na verdade, afro-americanos. A “africanidade” deles é tanta, e tão bem conferida é a “autenticidade”, que permite a (con)fusão com a matriz, ou ao menos com o que se imagina dela” (Pinho, 2004: 21).

A autora negra estadunidense Rachel J. Christmas relata a sua visita à Bahia:

“Nós sentimos o pulso africano na batida do samba, conhecido como semba em Angola; o engolimos com a comida condimentada, feita com castanhas, leite de coco, gengibre e quiabo, também usados na cozinha africana; o testemunhamos nas cerimônias de Candomblé, enraizado na religião dos iorubás da Nigéria; o ouvimos no musical sotaque iorubano do português falado no estado da Bahia. (...) Hoje, os baianos estão muito mais conscientes de suas origens do que estão os afro-americanos” (Christmas, 1992: 253-254).

Vamos ver agora como esta forma nova de turismo encontra incentivos a diversos níveis de articulação, do local ao global.

3. O turismo étnico na Bahia: incentivo internacional, federal e estadual

Artigos de jornais encontrados na Internet dão a dimensão do fenômeno relacionado ao turismo étnico na Bahia e colocam a Festa da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira⁴, como ponto culminante desta nova onda turística afro-americana:

“A Bahia virou uma Meca para turistas negros americanos que buscam entender melhor a herança e as tradições africanas, de acordo com uma reportagem publicada neste domingo pelo diário americano “Los Angeles Times”. De acordo com a reportagem assinada por Patrick J. McDonnell, milhares de americanos – e quase todos negros – visitam o estado todo o ano em busca desse resgate do passado. (...) Um dos exemplos encontrados pelo LA Times foi o consultor Semaj Williams que, embora seja natural de Nova Jersey, se identifica “totalmente” com o Brasil. “Para mim, está evidente que em outra vida eu fui brasileiro”, disse Williams. “Tenho certeza: o Brasil é um dos meus lugares.” (...) Para muitos, segundo o jornal americano, a cultura africana foi muito diluída nos Estados Unidos, mas ainda pode ser vista no dia-a-dia dos baianos. Nem mesmo a barreira da língua dificulta a identificação dos turistas afro-americanos com os negros brasileiros, segundo a reportagem. Tradições populares comuns na Bahia, segundo o jornal, “evocam para muitos o fantasma da escravidão e as suas consequências, trazendo à tona lembranças de uma tradição oral passada adiante por falecidos avós e bisavós. Nos Estados Unidos, agências de turismo especializadas em clientes afro-americanos lotam hotéis baianos e vendem pacotes que incluem escala no Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras. Mas o ponto alto da viagem, segundo o LA Times é o *festival de Nossa Senhora da Boa Morte* [grifos nossos]. “É uma encarnação clássica do sincretismo religioso: elementos do catolicismo importado pelos portugueses coexistem com a devoção afro-brasileira, em especial, o credo conhecido como Candomblé”, diz a reportagem. “Nós afro-americanos falamos da nossa conexão com a África, mas não temos muitas provas dessa conexão. Quando vamos para o Brasil, tudo fica evidente e faz sentido”, afirma, na reportagem, Wande Know Gonçalves, uma professora afro-americana que se apaixonou pelo Brasil e por um brasileiro, e hoje mora na Bahia (BBC Brasil e Portal Globo)”⁵.

Para estimular esta forma de turismo étnico, um convênio foi assinado entre governos federal e estadual em agosto de 2007, na ocasião da Festa da Boa Morte, em Cachoeira, e determinou a liberação de recursos para o Programa de Ação de Turismo Étnico Afro da Bahia:

“A cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano, será beneficiada com recursos da ordem de R\$ 1.245.200,00 para o Programa de Ação do Turismo Étnico Afro da Bahia. Em meio aos festejos da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, o governador Jaques Wagner e a ministra do Turismo, Marta Suplicy assinaram o convênio para atender, principalmente, aos turistas afro-descendentes de vários países. (...) O Programa de Ação do Turismo Étnico Afro da Bahia foi destacado pela ministra, ao justificar o investimento do governo federal neste segmento. Para ela, a Bahia é o coração do Brasil, em termos afros, e é necessário trabalhar para desenvolver o desejo do turista negro conhecer as suas raízes. (...) “A Bahia é plural e tem muito a oferecer ao país e ao mundo”, disse, destacando a história e a tradição, *a exemplo da secular festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte* [grifos nossos], da cidade de Cachoeira. (...) Acompanhado de vários turistas norte-americanos, o professor de Antropologia da Universidade de Nova York, Davis Earl, elogiou a preocupação do governo com o turismo étnico afro e se disse orgulhoso de conhecer Cachoeira e a Irmandade da Boa Morte, desde 1986, o que já possibilitou a vinda de mais de 70 outros turistas dos Estados Unidos, para conhecer a história e a tradição da secular festa do Recôncavo. A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte é

⁴ Considerada Monumento Nacional pelo Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1971, Cachoeira está encravada num vale à margem esquerda do rio Paraguaçu, no Recôncavo da Bahia. Com 32 mil habitantes, o município de Cachoeira tem o segundo maior conjunto arquitetônico colonial do Estado, depois de Salvador. O acervo, em estilo barroco, inclui igrejas, sobrados, prédios e monumentos que preservam a imagem e a história dos tempos coloniais e do império no Brasil.

⁵ “Bahia é ‘Meca do turismo afro-americano’, diz jornal”. *Blog do Favre*. Site consultado em 27/04/08. <http://blogdofavre.ig.com.br/2007/09/bahia-e-meca-de-turismo-afro-americano-diz-jornal/>

formada por mulheres negras e mestiças com mais de 40 anos, representando uma tradição de 235 anos [sic]. Juíza Perpétua da Irmandade, Estelita Santana, de 101 anos, lembrou que a confraria católica comemora o passado e o futuro, embalados pelo amor a Maria. Com 65 anos de irmandade, Estelita é uma das 22 irmãs que ainda mantém a tradição, ao lado de mais sete noviças. A mais velha do grupo é Narcisa Cândida da Conceição, Dona Filhinha, com 104 anos”⁶.

No artigo seguinte é apresentada a opinião do Secretário de Turismo do Estado da Bahia sobre a importância do turismo étnico para a Bahia, mostrando a dimensão das expectativas turístico-financeiras em torno do “turismo de raízes”:

“Com o objetivo de resgatar a cultura afro, a Bahia começa a divulgar o roteiro de turismo étnico, uma iniciativa da Secretaria do Turismo do Estado (Setur). “De cada dez baianos, oito são afro-descendentes e temos que valorizar aquilo que temos para oferecer”, afirma Domingos Leonelli, secretário de Turismo do estado. O turismo étnico pretende conquistar não apenas brasileiros vindos de outras regiões do país, como também os norte-americanos. “Há condições favoráveis para estimular a vinda de negros dos Estados Unidos para conhecer a Bahia. Muitos querem buscar sua identidade”, diz Leonelli. Salvador reúne vários pontos que merecem visita. *A Festa de Nossa Senhora da Boa Morte* [grifos nossos], realizada na cidade de Cachoeira, também integra o roteiro. De acordo com o secretário, a intenção do novo programa é fazer com que os turistas passem mais tempo na Bahia e, conseqüentemente, gastem mais, favorecendo a economia local”⁷

Outros artigos fazem menção ao referido convênio e às iniciativas para atrair os turistas negros estadunidenses:

“(...) Em agosto de 2007, foi assinado um convênio entre o Ministério do Turismo e o governo da Bahia, em Cachoeira (BA), para a implementação do Programa de Desenvolvimento do Turismo Étnico-Afro, que é uma ação pioneira. O programa recebeu um investimento de cerca de R\$ 1,3 milhão e tem por objetivo atrair mais visitantes, sobretudo os afro-descendentes norte-americanos, para a Bahia, especificamente para Salvador e Recôncavo. Já foram realizadas quatro missões aos Estados Unidos, com foco no turismo étnico. O investimento do programa, no momento, está sendo aplicado no mapeamento de necessidades dos locais nos quais os turistas norte-americanos se hospedarão e em Home-Spaces para diversificar o atendimento da rede hoteleira. Esse trabalho de mapeamento envolve a Universidade de Brasília, a Universidade Federal da Bahia (Ufba) e também a Universidade do Estado (Uneb). Home-Spaces são pousadas que estão sendo construídas para suprir as necessidades dos turistas que se hospedarão nos empreendimentos por meio de um pré-cadastro. Esse mapeamento resultará num diagnóstico que será usado para sanar as deficiências turísticas da Bahia. *A cada evento desenvolvido pela Setur, é realizada uma pesquisa relacionando os participantes do evento com o turismo étnico, como por exemplo o Seminário de Matrizes Africanas, no qual foi identificado que o “povo de santo” aprova o Programa, que dentre outras coisas servirá para mostrar de que forma eles gostariam de ser tratados* [grifos nossos]”⁸.

Vale ressaltar o aspecto inovador deste “Seminário de Matrizes Africanas” promovido pela Secretaria de Turismo do Estado da Bahia. No entanto, há de se perguntar como o “povo de santo” foi representado em tal ocasião, lembrando que existem na Cidade de Salvador e Região Metropolitana em torno de dois mil terreiros de candomblé. É pouco provável que haja consenso sobre o assunto do turismo étnico e é importante, do ponto de vista

⁶ “Convênio fortalece turismo étnico afro em Cachoeira”. *Jornal da Mídia*, 16/08/2007. Site consultado em 26/04/08.

<http://www.cultura.ba.gov.br/noticias/na-midia/impresso/convenio-fortalece-turismo-etnico-afro-em-cachoeira>

⁷ “Bahia resgata cultura afro com turismo étnico”. *Globo.com*, 15/11/2007. Site consultado em 26/04/08.

<http://g1.globo.com/noticias/brasil/0,,mul181164-5598,00bahia+resgata+cultura+afro+com+turismo+etnico.html>

⁸ “Governador e Rice vão abordar turismo étnico”. *Notícias da Bahia*, 13/03/08. Site consultado em 26/04/08.

<http://www.noticiasdabahia.com.br/editorias.php?idprog=884ce4bb65d328ecb03c598409e2b168&cod=1254>

antropológico, pensar nas consequências possíveis de uma massificação deste turismo sobre a estrutura organizacional e a liturgia dos terreiros de candomblé.

“O Programa de Desenvolvimento do Turismo Étnico-afro foi lançado pelo governo em agosto do ano passado, durante a Festa da Boa Morte, em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, que a cada ano atrai um número cada vez maior de visitantes estrangeiros. Na época, o Ministério do Turismo assinou um convênio no valor de R\$ 1,245 milhão para ações imediatas de diagnóstico. Grande parte desse dinheiro já foi investida em cursos e seminários voltados para associações de capoeira e comunidades religiosas de matriz africana e em pesquisas que identificaram as principais necessidades para a estruturação desse tipo de segmento turístico no Estado. (...) Origens – Aguinaldo Silva, presidente do bloco carnavalesco Filhos de Gandhi, com sede no Pelourinho, avalia positivamente o programa estadual de incentivo ao turismo étnico-afro: “Além de trazer divisas para o estado, proporciona que esses turistas conheçam as suas origens fincadas na África”, afirmou. Para o guia de turismo Josué Cassiano, essa é uma boa política. “Os negros norte-americanos têm interesse na busca por sua identidade cultural. Mês passado, por exemplo, guiei um pai-de-santo nova-iorquino”, contou”⁹.

Tais ações e relatos inserem-se em um contexto globalizado de transnacionalização das religiões afro-americanas – entre as quais se destacam o candomblé baiano, a santeria cubana e o vaudou haitiano – estimulada pela intensificação da circulação em um Atlântico Negro multacentralizado.

4. A repercussão jornalística da vinda de Condoleezza Rice à Bahia: raízes perdidas, globalização, capital



2. *Viver Bahia!* Revista de Turismo da Bahia (Pelourinho, 14/03/08)

Neste contexto de desenvolvimento significativo do turismo étnico afro-americano, a vinda de Condoleezza Rice à Bahia, em 14 de março deste ano, toma uma dimensão simbólica inédita. A Secretária de Estado estadunidense parece sintetizar em si só a ambivalência, as ambigüidades e os limites de um ideal afrocêntrico de povo negro unido na diáspora. Símbolo máximo do poder imperialista estadunidense tão execrado na América Latina, Rice, enquanto

⁹ “Condoleezza Rice se encontra com autoridades, empresários e artistas”. *Diário Oficial da Bahia*, 14/03/2008. Site consultado em 26/04/08. <http://www.cultura.ba.gov.br/noticias/na-midia/impresso/condoleezza-rice-se-encontra-com-autoridades-empresarios-e-artistas>

mulher negra, representa ao mesmo tempo um dos grupos histórica e socialmente mais oprimidos das Américas, no passado e no presente. Ao chegar à capital baiana, esta foi recebida pelo coral da Irmandade da Boa Morte na Igreja do Rosário dos Pretos, no Pelourinho. Momento certamente inaugural de uma nova era para os povos da diáspora africana nas Américas... Vejamos alguns artigos encontrados na Internet:

“Irà chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar”. Estes foram os primeiros versos do afoxé que *o coral da Irmandade da Boa Morte* [grifos nossos] cantou para saudar a secretária de Estado norte-americana, Condoleezza Rice, na manhã de hoje (dia 14 de março), na Igreja do Rosário dos Pretos. A secretária chegou às 8h15, em companhia do prefeito João Henrique; do governador do Estado, Jaques Wagner, e dos ministros da Cultura, Gilberto Gil, e do Turismo, Marta Suplicy, dentre outras autoridades. (...) Desenvolvimento do turismo étnico: Além da história, musicalidade, culinária, religiosidade e natureza que compõem o imaginário negro de Salvador, a cidade vem cada vez mais ganhando elementos que fortalecem a prática do turismo étnico. Ações da Secretaria Municipal da Reparação (Semur) têm sido imprescindíveis para o planejamento e desenvolvimento do setor. O mapeamento dos terreiros e seu tombamento como patrimônio do município, as ações de incentivo ao empreendedorismo junto aos artistas afrodescendentes e o apoio ao Corredor Cultural, no bairro da Liberdade, expressam a preocupação da Prefeitura em promover não apenas a igualdade racial, mas a organização do setor turístico. Os resultados já podem ser percebidos pela ação de regularização fundiária de 33 terreiros do município, que se encontra em processo na Secretaria Municipal da Habitação (Sehab).”¹⁰



3. João Henrique, Jaques Wagner, Condoleezza Rice e Marta Suplicy (Pelourinho, 14/03/08)

“A secretária de Estado americana, Condoleezza Rice, participará na noite desta quinta-feira, em Salvador, de jantar com o governador Jaques Wagner e empresários. Segundo a Agência Estado, a principal pauta do encontro será o estímulo ao turismo étnico. Desde o ano passado, o governo baiano e o Ministério do Turismo elaboram um plano para atrair turistas afrodescendentes americanos a Salvador e à região do recôncavo, as áreas que mais concentram a população negra no Brasil. (...) Às 11h, ela tem encontro a portas fechadas com o chanceler Celso Amorim, no Palácio Itamaraty. *Eles assinarão um acordo sobre o combate à discriminação racial* [grifos nossos]”¹¹.

A coalizão entre interesses econômicos – desenvolvimento do turismo étnico – e preocupações sociais e humanistas – combate à discriminação racial – pode soar um tanto estranha. Somente o futuro nos dirá se a implantação de tais medidas será positiva para população negra no Brasil e de que forma um acordo Brasil/Estados Unidos sobre o combate

¹⁰ Visita de Condoleezza Rice fortalece turismo étnico”. *Secretaria Municipal de Habitação*, 14/03/08. Site consultado em 26/04/08. <http://www.sehab.salvador.ba.gov.br/Noticias/20080314.htm>

¹¹ “Condoleezza discutirá turismo étnico na Bahia. Secretária americana está em Brasília para reunião com Lula e Amorim”. *Zero Hora*, 13/03/08. Site consultado em 26/04/08. <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Mundo&newsID=a1793831.htm>

à discriminação racial não significará uma simples transposição/imposição de um modelo estadunidense atrativo em certos pontos, porém já tendo mostrado os seus limites *in loco*. Continuamos o nosso percurso na repercussão jornalística da vinda de Rice:

“A secretária de Estado norte-americana, Condoleezza Rice, manifestou “encantamento” com a cultura brasileira ao passear hoje por monumentos históricos de Salvador, em companhia dos ministros do Turismo, Marta Suplicy, e da Cultura, Gilberto Gil, e do governador da Bahia, Jaques Wagner. Ao tomar conhecimento das *propostas para aumentar o intercâmbio entre afro-descendentes brasileiros e norte-americanos* [grifos nossos], Rice disse que está vendo com muito interesse o projeto de incentivo ao turismo étnico-afro, desenvolvido em parceria entre o MTur e o governo baiano, e prometeu fazer propaganda do Brasil e da Bahia nos Estados Unidos. O projeto, que já recebeu investimentos de R\$ 1,12 milhão do MTur, é inspirado pelo interesse dos afrodescendentes norte-americanos em conhecer lugares no mundo com fortes raízes africanas. A ministra Marta Suplicy destacou a importância dessa visita e falou dos investimentos do Ministério na promoção do Brasil nos Estados Unidos. “Estamos investindo nesse mercado potencialmente importante para o Brasil. Em 2007, investimos US\$ 10 milhões e, neste ano, teremos US\$ 16 milhões para divulgar o Brasil nos Estados Unidos. Especificamente para o projeto de turismo étnico, o Ministério direcionou R\$ 1,12 milhão. Os afrodescendentes são um público expressivo, representam 12% do PIB norte-americano”, afirmou a ministra”¹²

Será que haverá realmente um aumento do “intercâmbio entre afro-descendentes brasileiros e norte-americanos”. Aliás, qual a porcentagem da população negra no Brasil tem na prática vivenciado um intercâmbio com “afro-descendentes norte-americanos”? Em termos de deslocamento para os Estados Unidos, o número deve certamente ser extremamente insignificante. Há de constatar na realidade que este turismo étnico não se estabelece de fato de forma bilateral. De cem turistas negros estadunidenses que visitam a Bahia, quantos negros baianos já foram para os Estados Unidos? Este “intercâmbio” se inscreve em uma conjuntura marcada pelas disparidades sociais, econômicas e geopolíticas Norte-Sul¹³. O desenvolvimento do turismo étnico dificilmente escapará deste contexto desigual.

“Muito além da compenetrada função de chefe de Estado da nação mais poderosa do mundo, Condoleezza Rice assumiu, durante sua visita ao eternamente informal Centro Histórico de Salvador, ontem pela manhã, papel de turista embaixacada. Recebida com sorrisos e presentes por onde passou, Rice não desperdiçou a chance de se emocionar com as possibilidades culturais e étnicas que aproximam, segundo ela, as comunidades da diáspora negra de lá e de cá. (...) Durante a audição da segunda música, um lamento negro em forma de ijexá (Que cor, autoria de Girassol – Afoxé Badauê), Condoleezza Rice não resistiu aos apelos sonoros e visuais: *acompanhou a melodia com palmas, balançou a cabeça para os lados, quicou o pé de apoio no ritmo dos timbaus e alternou olhares de espanto e êxtase*. (...) A representante do governo norte-americano deu de cara com os meninos do grupo Bagunção, e flertou com os pequenos instrumentistas: *musicista que é, pegou duas baquetas e arriscou uma marcação batendo uma na outra, mostrando toda sua intimidade com o assunto*. [grifos nossos] (...) Americanos são esperados e vêm atraídos pela ancestralidade comum e desdobramentos culturais tão diversos e próximos. Até o final deste ano, a expectativa é de que mais de quatro mil norte-

¹² “Condoleezza Rice vai fazer propaganda do turismo étnico do Brasil e da Bahia nos EUA”. *Ministério do Turismo. Portal Brasileiro do Turismo*, 14/03/08. Site acessado em 26/04/08.

http://www.turismo.gov.br/portaltur/opencms/institucional/noticias/arquivos/ministra_vai_a_bahia_conversar_com_condoleezza_rice_sobre_acoes_do_mtur_para_promocao_do_turismo_etnico.html

¹³ A título de exemplo significativo dessas disparidades, basta mencionar a extrema dificuldade para se conseguir um visto de turista do Brasil para os Estados Unidos.

americanos negros venham à Bahia na modalidade que vem sendo chamada de turismo étnico – tema na pauta da secretária Condoleezza Rice em sua visita a Salvador.”¹⁴

Constatamos aqui a preocupação de legitimar a condição de “verdadeira” afro-descendente da Sra. Rice. Como “boa afro-descendente”, Condoleezza “*não resistiu aos apelos sonoros e visuais: acompanhou a melodia com palmas, balançou a cabeça para os lados, quicou o pé de apoio no ritmo dos timbaus e alternou olhares de espanto e êxtase*”. Temos aqui a mais contundente prova da persistência de uma visão essencialista de “raça” ainda vigente no Brasil do século XXI, fazendo do negro uma “máquina” de produzir ritmos e músicas, como nos velhos tempos do evolucionismo do século XIX. Até quando tal visão permanecerá no Brasil?

De qualquer forma, a repercussão midiática traz à tona a relação ambígua de amor, fascínio, atração e ódio latente e contido que a Bahia – e o Brasil de forma geral – mantém com o modelo estadunidense, seja branco ou africano-americano.

Para terminar este capítulo, vejamos o percurso do africano-americano Clarence Smith, que fez fortuna captando de forma precursora as premissas do mercado étnico afro desde a década de 1970 nos Estados Unidos e enxerga hoje a Bahia como “uma espécie de Eldorado da herança cultural africana”:

“No final dos anos 60, os Estados Unidos viviam um período de tormenta racial. O assassinato dos líderes negros Martin Luther King e Malcolm X foi seguido de arruaças nos guetos das grandes cidades. A Lei dos Direitos Civis, que acabara de ser assinada, gerava protestos racistas no sul do país. O americano Clarence Smith viu nessa confusão toda uma oportunidade de ganhar dinheiro. Largou o emprego de vendedor de seguros e criou uma pequena revista para mulheres negras, a Essence. O primeiro número, lançado em 1970, teve uma tiragem modesta, de 50 000 exemplares. Desde então, a Essence não parou de crescer. Hoje, vende 1 milhão de exemplares por mês e é lida por mais de 7 milhões de pessoas. Em torno dela, Smith construiu um conglomerado voltado para a classe média negra americana que organiza festivais de música, edita livros e produz até óculos com apelo étnico. (...) Em busca de novos negócios, ele esbarrou numa espécie de Eldorado da herança cultural africana: a Bahia. Como consequência, seus negócios hoje gravitam em torno desse estado brasileiro. Primeiro, lançou um selo de música que divulga artistas locais. Agora, ele quer transformar Salvador num centro de turismo para negros americanos em busca de suas raízes culturais. “Apesar de seus atrativos, Salvador ainda não foi descoberta por nós”, diz Smith. O negócio que ele quer desenvolver na Bahia pode ser chamado de turismo étnico. Nos Estados Unidos, os negros compram pacotes culturais para a África ou para o Caribe e formam um grupo à parte no mercado de turismo. Mas as guerras civis e a falta de infra-estrutura na África, além do número anormal de furacões no Caribe nos últimos meses, têm deixado os turistas com um pé atrás. É por isso que Smith pretende incluir nesse circuito a Bahia, onde nove de cada dez habitantes têm origem africana. Especialistas comparam o potencial de Salvador ao de Nova Orleans, cidade recentemente arrasada pelo furacão Katrina, mas antes um dos principais destinos da classe média negra americana. Em ambas, as atrações são música, dança, comida, religiosidade. (...) “A Bahia tem tanto potencial turístico quanto o Havaí ou o Caribe.” Empreendedores como Smith descobriram, há décadas, o potencial do consumidor negro. Hoje, esse mercado é formado por 36 milhões de pessoas nos Estados Unidos. É, também, uma máquina de gastar dinheiro estimada em 700 bilhões de dólares anuais – maior que toda a riqueza produzida no Brasil. Só em viagens, o gasto é superior a 35 bilhões de dólares por ano. Além de revistas, as empresas oferecem de livros a

¹⁴ “Secretária de estado americana se empolga com o Centro Histórico”. *Correio da Bahia*, 15/03/08. Site consultado em 26/04/08. <http://www.correiodabahia.com.br/aquisalvador/noticia.asp?codigo=149640>

vestidos de noiva, passando por cosméticos para a comunidade negra. (...) No Brasil, esse nicho ainda está em seus primórdios. Isso se explica, em parte, pela disparidade de renda entre brancos e negros no país. Por enquanto, os avanços mais significativos vêm acontecendo no mercado de cosméticos. Empresas como Johnson & Johnson já começam a lançar produtos desenhados para esse público. "O mercado brasileiro de afrodescendentes está hoje onde o dos Estados Unidos estava há alguns anos", diz Smith. "O potencial de crescimento nas próximas décadas é enorme"¹⁵.

5. Cachoeira: “Meca do candomblé” e Irmandade da Boa Morte

Nessa perspectiva, a cidade de Cachoeira, vista por alguns como a “Meca do candomblé”, recebe a cada ano um número crescente de negros estadunidenses, em busca de “raízes perdidas”, herança africana e ancestralidade.

“Meca do candomblé”? De fato, a Cidade de Cachoeira possui um número muito significativo de terreiros de candomblé e mantém preservada até hoje uma tradição religiosa quase extinta no resto do país, a tradição Jêje Mahi, oriunda de grupos étnicos provenientes do norte do Benin. No entanto, Cachoeira se destaca também, ainda hoje, pelo vigor da sua comunidade católica, pelo fervor e a devoção dos fiéis à igreja católica. Além disso, nos últimos anos, a inserção rápida no “mercado religioso” de diversas igrejas pentecostais e neo-pentecostais tem mudado de forma extremamente significativa o perfil religioso da cidade. Há de se perguntar se o número dessas igrejas não suplantou hoje o número de terreiros de candomblé na cidade. O candomblé enfrenta agora a “concorrência” e os atos de intolerância religiosa dessas igrejas neste mercado extremamente versátil e polimorfo, marcado por uma visão sincrética da fé.



4. Capa da Revista *Viver Bahia!* Revista Oficial De Turismo da Bahia (agosto 2007, ano 1, n° 1)

¹⁵ “Lá vem o afro-americano. Como Clarence Smith quer fazer de Salvador um destino para negros americanos ricos”. Portal Exame, 16/01/05. Site consultado em 27/04/08.
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0856/negocios/m0078632.html>

Neste cenário, a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, do ponto de vista do sincretismo religioso, marca o momento central do calendário turístico, litúrgico, festivo e antropológico da cidade. É nesta perspectiva múltipla que podemos apontar alguns mecanismos identitários e étnicos em ação no novo mercado “etno-turístico” acima mencionado.

A Irmandade da Boa Morte existe desde 1823 na cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, sendo constituída exclusivamente por mulheres negras descendentes de escravas africanas. As irmãs são ao mesmo tempo católicas e adeptas do candomblé. A festa é realizada sempre na segunda quinzena de agosto e inclui procissão, missas, ceia afro-brasileira oferecida pelas irmãs à comunidade, sendo encerrada com samba de roda.



5. Placa informativa bilíngüe (2008)



6. Sede da Irmandade da Boa Morte (2008)

A devoção à Boa Morte, ou “Dormição de Maria”, corresponde tradicionalmente no calendário católico à Assunção da Virgem aos Céus, comemorada no dia 15 de agosto. Trata-se de uma festa litúrgica da fé católica, realizada anualmente. A programação oficial começa dia 13 de agosto, mas já no início do mês algumas irmãs deixam suas casas para dedicar-se exclusivamente à Irmandade, na organização e preparação dos festejos, inclusive recolhendo donativos. Durante cinco dias, as irmãs saem às ruas, adornadas como rainhas negras, exibindo as jóias e os belíssimos trajes da Irmandade. Oram na igreja para Nossa Senhora, saem em procissão – mas, ao mesmo tempo, cultuam discretamente suas divindades de origem africana nos terreiros de candomblé.

Sobre o sincretismo afro-católico e “o segredo das noites” ligados à festa, reproduzimos aqui um trecho do artigo de divulgação turística da Revista *Viver Bahia!*:

“O segredo das noites: As irmãs negras, todas vinculadas a casas de candomblé de origem jêje-nagô, negam a existência de rituais secretos. Mas em Cachoeira se conta, à boca pequena, que o segredo da Boa Morte estaria camuflado no sincretismo religioso da festa. Diz-se que, durante as madrugadas, os adeptos do candomblé cultuariam, paralelamente às festas católicas, o orixá Nanã Buruku, divindade

que reina nos pântanos e águas paradas, senhora da argila, do barro que moldou o ser humano. O segredo dos rituais noturnos – originários dos tempos da escravidão, quando os rituais negros eram proibidos – continua preservado, permeando de encantamento e mistério os festejos cachoeiranos de agosto”¹⁶.

Notamos o tom mercadológico deste artigo, apresentando os ritos do candomblé pelo ângulo do encantamento e do mistério, muito propício para suscitar a curiosidade do turista de qualquer procedência.

Assim como viajam para o Brasil para participar da Festa da Irmandade da Boa Morte, os turistas afro-americanos participam também de outros eventos que reificam e/ou recriam tradições africanas. O Festival do Vodun, organizado na praia de Uidá, no Benin, por uma facção tradicionalista de sacerdotes e reis, constitui um desses exemplos. O antropólogo Peter Sutherland, que pesquisa o evento, afirma que o festival desenvolve o conceito de *consciência diaspórica* para enfatizar o valor local da herança tradicional. Para tanto, o festival apresenta a cultura do vodun em um contexto transnacional e representa o Benin como o lar dos irmãos da diáspora e como a fonte da cultura diaspórica das Américas (cf. Sutherland, 1999).

Na Festa da Boa Morte, em Cachoeira, constata-se a tentativa, por parte dos turistas, em querer unificar o pensamento de todos ali presentes pelo fato de que seriam “irmãos negros” e que estariam portanto imbuídos das mesmas perspectivas. No entanto, ocorrem alguns equívocos sobre o teor simbólico da festa: um exemplo disso – que aponta para um certo maniqueísmo no pensamento dos turistas – é a lamentação recorrente que fazem pelo fato de as velhas irmãs negras da Boa Morte louvarem uma santa branca, Nossa Senhora da Glória. Os turistas afro-americanos geralmente não sabem que esta santa é cultuada pela Irmandade desde o início do século XIX e que seu culto insere-se em um contexto de sincretismo religioso que, em si, representa uma estratégia de luta e sobrevivência das crenças dos escravos. Acreditar que as irmãs deveriam adorar uma santa branca é uma forma redutora de entender a história e parece refletir a maneira circunscrita como, muitas vezes, a própria negritude e sua base de africanidade estão sendo definidas, em diversos pontos da diáspora. A interpretação racial de africanidade tem imposto uma definição restritiva do que pode e do que não pode ser considerado “africano” ou mesmo contendo africanidade. Assim se está negando não apenas que o “africano original” tem várias e múltiplas ancestralidades – já que, como matriz, este é entendido como algo que deveria ser mantido “puro” – mas, nega-se assim até mesmo aquilo que é óbvio e reconhecido por ser inerente à própria noção de

¹⁶ *Viver Bahia!* Revista Oficial de Turismo da Bahia. Agosto 2007, ano 1, nº 1: 19.

diáspora: um dos resultados do deslocamento dos africanos em função do tráfico de escravos é que seus descendentes produzem *culturas híbridas*.

Em busca da “pureza africana”, os turistas de raízes afro-americanos viajam para diversos pólos difusores de africanidade, projetando seus desejos e expectativas sobre as culturas negras locais. Ao descrever o Festival do Vodun, Sutherland (1999) demonstra que a figura do escravo é fetichizada através da transformação mercantilista do comércio de escravos (*slave trade*) em um “turismo da escravidão” (*slave tourism*). Da mesma forma, a produção cultural negra “*made in Bahia*” também vem sendo transformada em mercadorias, o que permite sua apropriação, comercialização e consumo, processos nos quais os turistas afro-americanos representam importantes consumidores e podem assim influenciar o formato e o conteúdo da produção cultural, valorizando alguns elementos em detrimento de outros. A cada ano, é possível identificar a presença crescente dos turistas afro-americanos na Festa da Boa Morte. Representando uma importante fonte de renda para hotéis, restaurantes e produtores culturais, suas expectativas estão impondo novas demandas para o evento.

O afrocentrismo, de certo modo, tem como efeito colateral o fortalecimento de uma visão “estadunido-cêntrica” da diáspora. Assim, em boa parte das análises feitas sobre o racismo e as relações raciais no Brasil, a sociedade norte-americana aparece freqüentemente como o modelo a ser seguido e como o lugar onde os negros seriam mais “evoluídos”, seja em termos de direitos civis e políticos ou pelo fato de constituírem a maior classe média negra do mundo. Essa crença na condição de líder que teria o negro norte-americano em relação aos outros negros do mundo está presente nos discursos de militantes brasileiros e norte-americanos. Encontramos isso na afirmação feita por uma turista afro-americana em uma de suas visitas a Cachoeira:

“Nós (negros americanos e negros brasileiros) temos uma grande gama de coisas para trocar uns com os outros. Quando nós vimos para a Bahia, estamos aqui para aprender sobre a nossa própria história e nossa origem comum, porque as tradições africanas foram capazes de sobreviver aqui. Mas vocês também têm muito que aprender conosco, sobre a nossa história de Direitos Civis, porque, nesse ponto, estamos muito à frente de vocês” (in Pinho, 2004: 63).

À guisa de conclusão, podemos nos interrogar sobre o impacto e as conseqüências possíveis deste mercado em forte expansão sobre as comunidades negras locais e suas “tradições africanas”. De que forma ocorrerá um processo de adequação aos modelos idealizados pelos clientes norte-americanos? Quando haverá bilateralidade e reciprocidade no turismo étnico afro? Acreditamos que, do ponto de vista antropológico e sociológico, teremos muito que aprender com os desdobramentos futuros deste peculiar turismo étnico na Bahia, notadamente sobre o desenvolvimento possível de uma consciência diaspórica polimorfa e multi-referencial.

Bibliografia

- BHABHA, H. K. *Les lieux de la culture. Une théorie postcoloniale*. Paris: Payot, 2007.
- BACELAR, J. & CAROSO, C. (org.). *Brasil: um país de negros?* Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999.
- BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil: contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora/EDUSP, 1971.
- BASTIDE, R. *Les Amériques Noires*. Paris: L'Harmattan, 1996 [1967].
- CAPONE, S. *A busca da África no candomblé. Tradição e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Pallas, 2004.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. "Etnicidade, Eiticidade e Globalização". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32, out. 1996.
- CAROSO, C. & BACELAR, J. (org.). *Faces da tradição afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999.
- CHRISTMAS, R. J. "In Harmony with Brazil's African Pulse". In Hellwig, D. J. (ed.), *African-American Reflections on Brazil's Racial Paradise*. Philadelphia: Temple University Press, 1992.
- DIAWARA, M. *In search of Africa*. Cambridge, London: Harvard University Press, 1998.
- FRY, P. *A persistência da raça. Ensaio antropológico sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GÉRAUD, M.-A. "Esthétiques de l'authenticité. Tourisme et tourisme chez les Hmong de Guyane Française". *Ethnologie Française*, 91, 2002: 447-459.
- GILROY, P. *The Black Atlantic. Modernity and Double Consciousness*. London: Verso, 1993.
- GILROY, P. *Against Race. Imagining Political Culture Beyond the Color Line*. Boston: Harvard University Press, 2000.
- HALEY, A. *Roots*. New York: Doubleday, 1976.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HOBSBAWM, E. & RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- MATORY, J. L. «Jeje: repensando nações e transnacionalismo». *Mana*, Abril 1999, vol.5, no.1: 57-80.
- PINHO, P. S. *Reinvenções da África na Bahia*. São Paulo: Annablume, 2004.
- PINHO, P. S. "African-American Roots Tourism in Brazil". *Latin American Perspectives*, 2008, 35: 70-86.
- RISÉRIO, A. *Carnaval Ijexá*. Salvador: Corrupio, 1981.
- SERRA, O. *Águas do Rei*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/Koinonia, 1995.
- SUTHERLAND, P. "In Memory of the Slaves". In Rahier, J. (ed.), *Representations of Blackness and the Performance of Identities*. Westport: Bergin & Garvey, 1999.
- TAYLOR, C. *The Ethics of Authenticity*. Harvard University Press, 1992.
- VATIN, X. *Rites et musiques de possession à Bahia*. Paris: L'Harmattan, 2005.
- VERGER, P. *Notícias da Bahia – 1850*. Salvador: Corrupio, 1999.

Fontes eletrônicas

1. "Bahia é 'Meca do turismo afro-americano', diz jornal", *Blog do Favre*. Site consultado em 27/04/08.
<http://blogdofavre.ig.com.br/2007/09/bahia-e-meca-de-turismo-afro-americano-diz-jornal/>
2. "Convênio fortalece turismo étnico afro em Cachoeira". *Jornal da Mídia*, 16/08/2007. Site consultado em 26/04/08.
<http://www.cultura.ba.gov.br/noticias/na-midia/impresso/convenio-fortalece-turismo-etnico-afro-em-cachoeira>
3. "Bahia resgata cultura afro com turismo étnico". *Globo.com*, 15/11/2007. Site consultado em 26/04/08.
<http://g1.globo.com/noticias/brasil/0,,mul181164-5598,00bahia+resgata+cultura+afro+com+turismo+etnico.html>
4. "Condoleezza Rice apoia el turismo étnico en Brasil." *Adnmundo.com*, 16/03/08.
http://www.adnmundo.com/contenidos/turismo/condoleezza_rice_visita_salvador_bahia_promocion_turismo_etnico_tu_160308.html
5. "Condoleezza Rice vai fazer propaganda do turismo étnico do Brasil e da Bahia nos EUA". *Ministério do Turismo. Portal Brasileiro do Turismo*, 14/03/08. Site acessado em 26/04/08.
http://www.turismo.gov.br/portaltur/opencms/institucional/noticias/arquivos/ministra_vai_a_bahia_conversar_com_condoleezza_rice_sobre_acaes_do_mtur_para_promocao_do_turismo_etnico.html
6. "Condoleezza discutirá turismo étnico na Bahia. Secretária americana está em Brasília para reunião com Lula e Amorim". *Zero Hora*, 13/03/08. Site consultado em 26/04/08.
<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Mundo&newsID=a1793831.htm>
7. "Condoleezza Rice faz visita de dois dias a Salvador". *Jornal da Mídia*, 11/03/08. Site consultado em 26/04/08.
http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2008/03/11/Bahia_Nacional/Condoleezza_Rice_faz_visita_de_dois_dias.shtml
8. "Secretária de estado americana se empolga com o Centro Histórico". *Correio da Bahia*, 15/03/08. Site consultado em 26/04/08.
<http://www.correiodabahia.com.br/aquisalvador/noticia.asp?codigo=149640>
9. "Governador e Rice vão abordar turismo étnico". *Notícias da Bahia*, 13/03/08. Site consultado em 26/04/08.
<http://www.noticiasdabahia.com.br/editorias.php?idprog=884ce4bb65d328ecb03c598409e2b168&cod=1254>
10. "Condoleezza Rice se encontra com autoridades, empresários e artistas". *Diário Oficial da Bahia*, 14/03/2008. Site consultado em 26/04/08.
<http://www.cultura.ba.gov.br/noticias/na-midia/impresso/condoleezza-rice-se-encontra-com-autoridades-empresarios-e-artistas>
11. "Visita de Condoleezza Rice fortalece turismo étnico". *Secretaria Municipal de Habitação*, 14/03/08. Site consultado em 26/04/08.
<http://www.sehab.salvador.ba.gov.br/Noticias/20080314.htm>
12. "Lá vem o afro-americano. Como Clarence Smith quer fazer de Salvador um destino para negros americanos ricos". *Portal Exame*, 16/01/05. Site consultado em 27/04/08.
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0856/negocios/m0078632.html>